

Sarney sente a solidão de fim do poder

BRASÍLIA — No retorno a Brasília de uma viagem ao Sul, o presidente José Sarney pôde sentir o que é chegar ao fim do poder. Ninguém subiu a escada do Boeing 737-200 da Presidência para auxiliá-lo, e ele próprio teve de segurar o guarda-chuva — no passado, havia sempre um ajudante-de-ordens pronto a executar essa tarefa. Logo atrás de Sarney, desceu dona Marly, de vestido longo a se molhar na chuva, também sem ajuda.

Aguardavam o presidente no salão de autoridades da Base Aérea de Brasília, além dos chamados ministros da casa — Luis Roberto Ponte, do Gabinete Civil e Bayma Denys, do Gabinete Militar — apenas dois outros, titulares de ministérios que serão extintos pelo novo governo: Roberto Cardoso Alves, do Desenvolvimento da Indústria e do Comércio e Vicente Fialho, das Minas e Energia. Nem o tempo ajudou. Por causa da chuva, o tapete vermelho que sempre é estendido para a passagem do presidente foi recolhido trinta minutos antes da chegada.

Mesmo assim, Sarney teve motivos para deixar a Base Aérea contente. É que o governador do Distrito Federal, Joaquim Roriz, e seu cabo eleitoral Manoel Paulo de An-

drade Neto, presidente do Sindicato dos Transportadores Autônomos, organizaram uma manifestação de motoristas de táxi para agradecer ao presidente a edição da Medida Provisória nº 135, que concedeu isenção de IPI (Imposto Sobre Produtos Industrializados) a carros a serem adquiridos pelos taxistas e deficientes físicos. Manoel Neto é candidato a candidato a uma das 24 vagas de deputado distrital em Brasília — o correspondente às assembleias legislativas estaduais.

Protetor — Com a intermediação do porta-voz Carlos Henrique, o presidente Sarney dirigiu-se até onde estava a comissão dos taxistas. Foi abraçado por Manoel Neto e ouviu deste um pequeno discurso: "O senhor foi o melhor presidente do Brasil. A inflação está alta mas o povo não passa fome. O senhor é o protetor dos motoristas", elogiou. Nesse momento, num papel inverso ao que está acostumado, o governador Joaquim Roriz berrou: "Muito bem, muito bem". Roriz, governador nomeado pelo presidente Sarney, é candidato ao cargo em outubro, desta vez pelo voto direto. Quando saiu da Base Aérea, a comitiva de Sarney foi acompanhada por cerca de 300 motoristas em seus táxis.

Hoje, ao chegar ao Maranhão para inaugurar o Centro Espacial de Alcântara, o presidente se defrontará com o resultado de uma pesquisa do Ibope que mostra seu desprestígio político no estado. A amostragem, para avaliar como estão os candidatos ao governo maranhense, revela que se Sarney se candidatasse, teria apenas 15% da preferência do eleitorado, contra 66% dados ao senador João Castello (PRN), seu maior inimigo na política maranhense, e apoiado pelo futuro presidente Fernando Collor de Mello.

Ao discursar ontem durante a inauguração do sistema de abastecimento de água do Rio Passaúna, em Curitiba, o presidente Sarney fez um desabafo emocionado na presença de cerca de mil pessoas. Disse que fez "o governo mais democrático deste país" e minimizou os problemas econômicos: "A economia é o efêmero, o transitório. Pode ser consertada a qualquer momento. A liberdade não pode ter remédios". Queixou-se de ter-se tornado "o mais criticado dos presidentes do Brasil", mas manifestou a esperança de que "os historiadores do futuro há de reconhecer que foi neste período que se consolidou a democracia".